



Coleção
Raízes do Futuro

07

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CAMPINHO

CONGONHAS - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Adriana Reis Lopes e Emiliano de Paula Santos.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

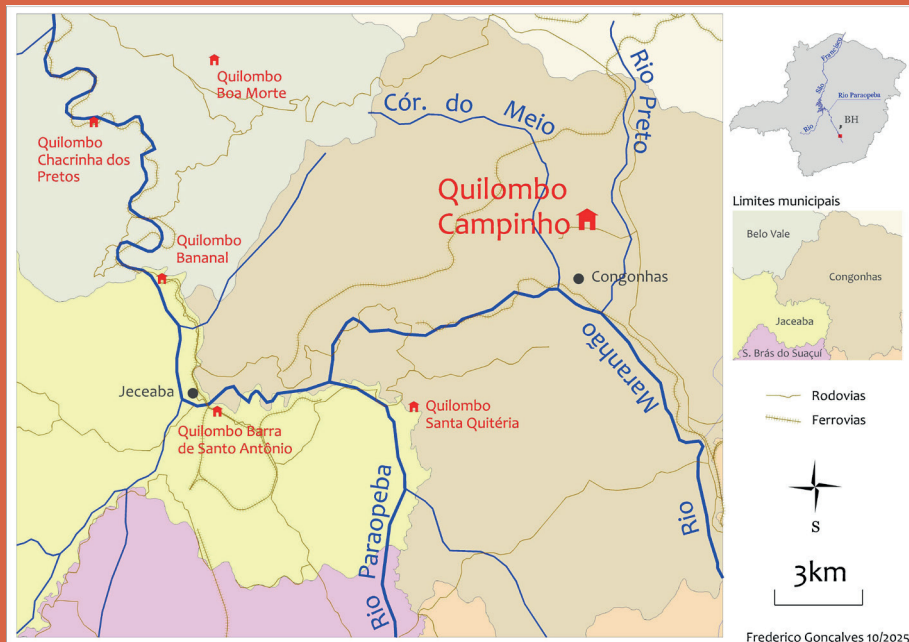
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CAMPINHO

CONGONHAS - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola do Campinho está situada no município de Congonhas, na região central do estado de Minas Gerais, a aproximadamente 80 km de Belo Horizonte. A região é marcada, em grande parte, pelo bioma Mata Atlântica. Com o avanço urbano e a expansão das atividades mineradoras sobre o território tradicional, o Campinho passou a se encontrar cercado pela cidade e por diversos empreendimentos. Em levantamento realizado em janeiro de 2025, foram identificadas cerca de 90 famílias residentes na comunidade.



■ História

A história da Comunidade Quilombola do Campinho remonta ao final do século XIX, quando Joaquim Firmino da Silva chegou à região, por volta de 1885. Instalou-se em meio à mata fechada, onde construiu um rancho de pau a pique e passou a viver, principalmente, da agricultura de subsistência. Joaquim teve cinco filhos, o que marcou o início do processo de ocupação e formação do território quilombola. Entre os filhos de Joaquim, destaca-se Ataíde Firmino da Costa, que se casou com Sebastiana da Costa, parteira reconhecida na comunidade e responsável pela maioria dos nascimentos até cerca de 1960.

Pouco tempo após a chegada de Joaquim, outras famílias também se estabeleceram nas proximidades, entre elas as de José Bonifácio, Sr. Nazaro, José Nascimento, Joaquim Gonçalves e Regino Aniceto dos Santos, que se tornaram figuras centrais na formação da comunidade. Foi o Sr. José Bonifácio, junto ao Sr. Nazaro, quem construiu o primeiro cruzeiro do Campinho, espaço onde os moradores costumavam se reunir para eventos religiosos.

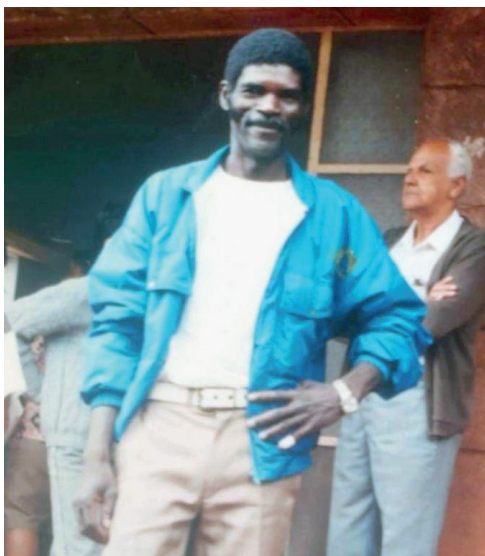
Ao chegar na localidade do Campinho, os moradores abriam seus próprios trilhos pela mata até o local onde erguiam suas casas, dando continuidade ao processo de formação e expansão da comunidade.

A família do Sr. Regino sempre morou no Campinho. Casado com Maria Augusta Cândida de Jesus, ele teve nove filhos. Entre eles o Sr. Luíz Augusto dos Santos, responsável por construir um dos três cruzeiros que o Campinho teve ao longo de sua história. Esse cruzeiro estava localizado no ponto mais alto da comunidade.

Entre os filhos de Joaquim Gonçalves, estava Dona Madalena Gonçalves, que se casou com o senhor Guilherme Balbino, também conhecido como Raul, terceiro presidente da Banda de Congado que existiu na comunidade.

Outra família importante na história do quilombo foi a de José Augusto dos Reis, filho de Brás Tobias dos Santos e Altina Maria do Espírito Santo. José chegou em Congonhas no ano de 1945,

trazendo sua esposa Efigênia da Conceição Santos, vindos de Resende Costa, por meio de um transporte chamado pau de arara.



■ Em primeiro plano, Guilherme Balbino quando jovem.

José Augusto e Dona Efigênia tiveram seis filhos, Maria de Lourdes, José Augusto dos Reis, Nadir dos Reis, Edir do Carmo Reis Lopes, Maria das Dores (primeira mulher a integrar o congado em Congonhas) e Waldir dos Reis. O casal foi figura importante na cidade. Dona Efigênia era uma das poucas mulheres com leitura no quilombo e coordenou o Conselho Comunitário de Pastoral (CCP) do Campinho até adoecer.

Seu legado foi passado para suas filhas e filhos, que seguiram organizando os movimentos de fé ligados à Igreja Católica. Edir do Carmo Reis Lopes, a caçula, foi quem assumiu a coordenação do CCP, trabalho que hoje é coordenado por sua filha Adriana Reis Lopes.

Por parte de pai, Adriana é neta do senhor Valdemar Lopes, reconhecido como um dos mais importantes benzedores do Campinho. Sua sabedoria e conhecimentos tradicionais atraíam pessoas de diversas localidades, que o procuravam em busca de

benzeduras, simpatias e dos chás medicinais que ele preparava para o tratamento de diferentes enfermidades.

A convivência entre esses grupos familiares foi marcada pela solidariedade, pelo trabalho coletivo, pela religiosidade e pela valorização da oralidade, meio pelo qual saberes, histórias e costumes eram transmitidos de geração em geração. Eventos religiosos eram organizados para arrecadação de recursos, que posteriormente eram investidos em obras sociais, como a construção da capela.

Entre essas famílias unidas pela fé e espírito comunitário, destaca-se a de Benedito Ângelo de Paula e Maria Rezende, também conhecida como Dona Fiinha. O casal teve papel fundamental na consolidação da comunidade e na preservação de suas tradições religiosas e culturais.



■ Maria Rezende com seu neto, Adriano de Paula.

Rita Mateus de Paula, uma das filhas do casal, relata que a ideia de construir a Capela de Nossa Senhora de Lourdes surgiu após a cura milagrosa de seu irmão mais novo. Motivada por esse acontecimento, Dona Fiinha, com o apoio e a união da comunidade,

liderou a construção da capela em um espaço que havia sido doado pela família Marques e parte comprado pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição.



■ Capela Nossa Senhora de Lourdes, 2024.

Com o crescimento do Campinho, novas famílias se estabeleceram na comunidade, e atualmente os principais sobrenomes presentes são: Da Costa, Resende, Gonçalves, Balbino, Lopes, Reis, Santos, Nascimento, Zacarias e De Paula.

Culturalmente o Quilombo foi marcado pela presença da tradicional Banda de Congado Beija-Flor do Campinho, fundada por volta de 1970, no quintal de Dona Fiinha. Reconhecida como um importante símbolo de preservação da memória coletiva e da identidade cultural local, a banda teve papel fundamental nas festividades e nas práticas cotidianas da comunidade. Entretanto, atualmente, o Beija-Flor do Campinho encontra-se inativo.

Por outro lado, algumas famílias da comunidade conseguiram manter viva a tradição, como é o caso de Carlos Evando do Nascimento, um dos fundadores do Congado Marujo Marinheiro Sereia do Mar. Embora o grupo tenha sido criado em outro bairro, sua origem e identidade permanecem fortemente ligadas à comunidade. Carlos, morador da região, fundou o congado enquanto residia fora do bairro, mas, posteriormente retornou ao Campinho.



■ Em primeiro plano, Carlos Evando do Nascimento, fundador do Congado Marujo Marinheiro Sereia do Mar

No campo da educação, a fundação da Escola Municipal Dona Maria de Oliveira Castanheira, em 1972, foi outro marco importante, representando não apenas a chegada da educação formal, mas também a valorização da cultura local. A escola se transformou em espaço de formação cidadã e de preservação da memória, reforçando a importância da educação como instrumento de emancipação e fortalecimento comunitário.

Hoje, o Campinho é reconhecido não apenas como espaço de moradia, mas como território de identidade, resistência e herança cultural afro-brasileira. Suas festas, rezas, saberes tradicionais e manifestações culturais mantêm viva a memória dos antepassados e reafirmam a luta contínua pelo reconhecimento e pela valorização da identidade quilombola.

Mesmo diante das adversidades, como dificuldades financeiras, falta de infraestrutura e pressão territorial devido à expansão urbana e minerária na região de Congonhas, a comunidade resistiu e segue resistindo. Sua força está na união entre as famílias, no cultivo da memória ancestral e na preservação de tradições que dão sentido à vida coletiva.

Um dos principais sonhos da comunidade, para um futuro próximo, é a criação de um Memorial do Quilombo, um espaço dedicado ao compartilhamento de suas histórias, memórias, saberes e tradições. O objetivo é garantir que as próximas gerações conheçam e valorizem a trajetória de resistência e identidade do Campinho. Além disso, a comunidade também almeja a construção de uma sede própria para a Associação Quilombola do Campinho.



■ Desenho elaborado por moradores da Comunidade Quilombola do Campinho representando o sonho coletivo, construir o Memorial do Quilombo.

■ Território

Alguns representantes da Comunidade Quilombola do Campinho desenvolveram mapeamentos das condições passadas e atuais das áreas naturais da comunidade, bem como das formas de uso e manejo desses espaços.

Entre os mapas elaborados, observa-se que, em representação que buscava retratar o passado, predominam elementos naturais, árvores típicas, pontos de água corrente e pequenos aglomerados de casas. Já no mapa que ilustra o cenário atual, percebe-se uma significativa transformação da paisagem:

amplas áreas foram tomadas pela mineração, houve supressão da vegetação nativa e de árvores frutíferas, além do aumento no número de casas e até de edifícios.



■ Mapeamento dos tipos de natureza, mapa antigo.



■ Mapeamento dos tipos de natureza, mapa atual.

As terras do bairro também tiveram seu uso transformado ao longo dos anos. Em períodos anteriores, eram destinadas ao plantio (milho, feijão, mandioca, arroz, trigo, batata doce, cará, inhame, manga e cana-de-açúcar), ao cultivo de plantas nativas (como o carambiá, o broto de bambu, a cambuquira e a urtiga), à criação de animais (galinhas, porcos, cavalos, cabritos, bois e patos) e à extração de terra para a fabricação de tijolos - em olaria que funcionava no território do quilombo.

Atualmente, embora algumas pessoas ainda mantenham práticas agrícolas e de criação, parte das áreas foi ocupada por novos moradores, muitos deles sem vínculo com a comunidade, e que vêm destinando o solo à abertura de loteamentos e à construção de conjuntos habitacionais, entre outras intervenções.

Por outro lado, em relação ao acesso à saúde, antigamente, a comunidade contava com um posto, que funcionava em uma das salas da escola. Era oferecido atendimento básico, com consultas de atenção primária. Posteriormente, foi construído um novo posto, em bairro próximo, que passou a atender também o Campinho.

Quanto ao abastecimento de água, antigamente a comunidade utilizava as nascentes locais como principal fonte de consumo. Com o passar do tempo e a ampliação do número de moradias, o fornecimento passou a ser realizado pela rede de abastecimento da Copasa.

É importante destacar que o avanço urbano e industrial trouxe severas consequências para o quilombo. As transformações na paisagem do Campinho se intensificaram, refletindo não apenas a supressão da vegetação, mas também o aumento dos riscos de enchentes, a intensificação da poluição sonora e do ar, além da perda de áreas antes destinadas ao uso comum, ao cultivo e à criação.



■ Fotografia do Quilombo Campinho antigamente.

Nos últimos anos, o Campinho tem buscado se organizar cada vez mais diante dos desafios territoriais que enfrenta, especialmente em razão do avanço da mineração. Nesse contexto, em 2024, a comunidade fundou a Associação Quilombola do Campinho que, desde então, vem pautando seus direitos enquanto comunidade remanescente de quilombos em diálogos com o poder público e com empreendimentos.

■ Economia e sociedade

No âmbito econômico, destacam-se as entradas, representadas por bens e serviços que não são produzidos localmente e, portanto, precisam ser adquiridos em outras localidades. Essas

aquisições ocorrem principalmente no comércio local de Congonhas. Entre as principais entradas estão alimentos industrializados como arroz, óleo, macarrão e farinha, além da água, energia elétrica e internet.

No campo da educação, a presença de uma escola na comunidade faz com que estudantes procurem o local para iniciar os estudos, assim como, professores que se deslocam até lá para ministrar as aulas.

No que se refere às saídas, que correspondem aos produtos produzidos localmente e destinados à comercialização fora da comunidade, destacam-se ovos, hortaliças, temperos frescos, ervas medicinais e quitandas. Recentemente, iniciou-se um movimento de valorização das quitandas, com lideranças comunitárias buscando parcerias com a prefeitura municipal e com igrejas para viabilizar sua venda em feiras e exposições.



■ Adriana Reis Lopes em encontro sobre memória e identidade do Quilombo Campinho.

Além disso, há uma colaboração entre o Instituto Federal - Campus Congonhas e o Quilombo, por meio de uma horta comunitária em um terreno do IF, no qual os quilombolas cuidam da produção e compartilham o consumo com a instituição.

No que diz respeito à qualificação profissional e ao acesso à educação, os estudantes, que desejam avançar além do ensino fundamental integral precisam recorrer a recursos externos, já que a comunidade não oferece essas oportunidades em seu território. Além disso, a mão de obra constitui outra saída significativa, especialmente destinada a empresas e à prefeitura.

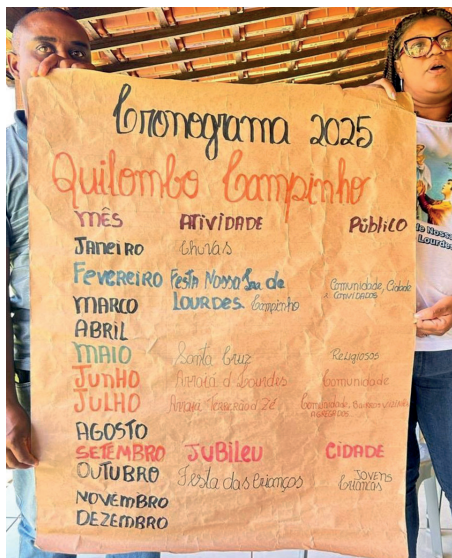
No campo social e cultural, o calendário festivo constitui um dos principais elementos de fortalecimento da identidade coletiva e de preservação das tradições. As celebrações, que se estendem ao longo do ano, reúnem moradores, visitantes e grupos de diferentes localidades, reafirmando a importância da fé, da memória e da convivência comunitária. Entre os festejos mais significativos destaca-se a Festa de Nossa Senhora de Lourdes, realizada em fevereiro, que mobiliza toda a comunidade quilombola, além de atrair convidados e moradores de cidades vizinhas.



■ Procissão durante a Festa de Nossa Senhora de Lourdes, 2023.

A Festa de Santa Cruz, realizada tradicionalmente no Campinho, tem suas origens na celebração do Jubileu do Município de Congonhas. Comemorada no dia 3 de maio, dedicada à Santa Cruz, a cerimônia conhecida como “Invenção de Santa Cruz” teria se iniciado por volta de 1780, segundo relatos da população, e permanece até hoje como uma tradição histórica preservada pela comunidade.

Em junho ocorre o Arraiá de Lourdes. E as festividades continuam em julho, quando acontece o Arraiá do Terrerão do Zé. Na sequência, em setembro, ocorre o Jubileu e, em outubro, a Festa das Crianças, encerrando o ciclo festivo anual.



■ Calendário de eventos comemorativos elaborado durante as atividades do Projeto Raízes do Futuro.

As manifestações religiosas e culturais da comunidade desempenham papel essencial na preservação da fé, da identidade e da memória coletiva. Cada celebração reforça o sentimento de pertencimento e promove momentos de convivência que reafirmam e valorizam a tradição afro-brasileira.

O Campinho é reconhecido como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares desde 2022 e, atualmente, por meio de suas lideranças, têm ampliado o diálogo com organizações sociais, o poder público e instituições de ensino, fortalecendo ações e projetos voltados ao desenvolvimento econômico e social do território.

Mesmo diante dos desafios para manter sua organização interna, a associação tem contado, em diferentes momentos, com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Congonhas, da Prefeitura Municipal de Congonhas, da Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N’Golo, do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES), do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), entre outras instituições e entidades parceiras.■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

